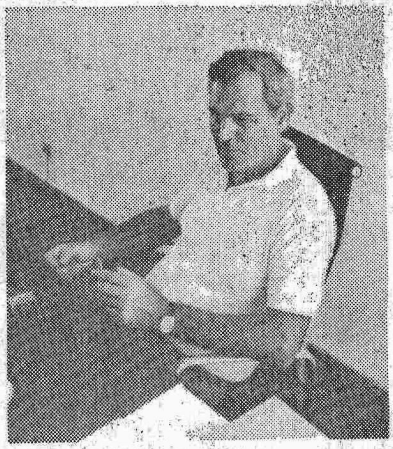
Países estrangeiros ajudam as escolas

Ensinar a língua e difundir a cultura, criando em solo brasileiro instituições binacionais, espaços onde o intercâmbio cultural entre os dois países é isento de burocracias. Responsáveis por retrospectivas cinematográficas de diretores estrangeiros, apresentação de grupos de balé e teatro, exposição de obras de arte, divulgação de escritores no Brasil e Exterior, as escolas de línguas mais tradicionais da cidade mantêm vínculos estreitos com consulados e conselhos formados por membros do governo dos outros países.

Independentes didaticamente desses conselhos, as escolas, como o Instituto Goethe, Aliança Francesa, União Cultural Brasil-Estados Unidos, Cultura Inglesa e Aliança Cultural Brasil-Japão, têm facilidades na aquisição de material didático importado e na contratação de professores especializados. "O governo nos auxiliou, por exemplo, na compra do prédio-sede", afirma Klaus Fischer, vice-diretor do Instituto Goethe, no Brasil desde 1956. Em contrapartida, o Instituto divulga a cultura da Alemanha, colocando em seus espaços alternativos atividades que atraem tanto os 1.700 alunos da escola como jovens em geral.

Na Aliança Francesa, que divulga e ensina o francês para brasileiros há um século, também existe a cooperação governamental. "Atualmente, 60 dos nossos professores são pagos pelo Ministério de Assuntos Exteriores", diz Raymond Alonso, diretor-geral em São Paulo da Aliança Francesa. Esses subsídios transformam as escolas em verdadeiras fundações, colocando as instituições mais tradicionais entre as que oferecem o ensino da língua estrangeira por menor custo.



Rita Tomelere/AE

Raymond: França ajuda